

## FRONTEIRA DO DESCASO

Violência, sexo e drogas marcam a vida de adolescentes em situação de rua

# Drogas, prostituição e abortos precários nas ruas fronteiriças

OSVALDO JÚNIOR,  
ESPECIAL PARA O CORREIO DO ESTADO



A fronteira entre Brasil e Paraguai é uma linha contraditória: serve de barreira para as ações conjuntas

da rede de proteção da criança e do adolescente e funciona como campo aberto para a exploração sexual de meninas e meninos em situação de rua dos dois países. Na divisa entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, adolescentes paraguaios e brasileiros são agenciados para programas sexuais, fumam crack, entregam o corpo para o pagamento de dívidas com traficantes, trocam sexo por droga e fazem abortos nas ruas. Ao mesmo tempo, a rede de atenção à criança e adolescente se vê impotente e desacredita no trabalho conjunto entre as autoridades dos dois países.

Violência, uso de drogas e exploração sexual se misturam nas histórias de crianças e adolescentes da fronteira. Vera Lúcia Oliveira de Souza Almeida, coordenadora do Creas (Centro de Referência Especializado da Assistência Social) de Ponta Porã, tem uma lista de histórias de meninas e meninos em situação de rua envolvidos com drogas e prostituição. Alguns desapareceram, outros foram assassinados, estão em abrigos ou em clínicas de recuperação.

"Eles precisam de uma mercadoria de troca para adquirir drogas", diz Vera Lúcia. Para quem não tem nada, o próprio corpo é mercadoria.

O sexo não só paga a droga, mas também quita dívidas. "Pra pagar uma dívida, os meninos têm que se submeter a sexo anal com os próprios traficantes", afirma a coordenadora, completando que essa situação deixa os adolescentes muito revoltados e violentos.

O assunto droga e prostituição trouxe à memória da coordenadora a história de uma menina que se drogava para realizar os programas sexuais. "Ela odiava ter relação sexual, por isso se drogava pra ter coragem. Não conseguia se controlar mais e se tornou usuária", conta. A menina mencionada é explorada sexualmente desde criança. Hoje, adulta, continua nas ruas de Ponta Porã e de Pedro Juan, nas drogas e na prostituição.

### "Derrubei um"

Os filhos que nasceriam da exploração sexual são, muitas vezes, abortados de modo precário. A coordenadora conta que o Cytotec (medicamento usado como abortivo) é vendido livremente nas ruas do Paraguai. O agravante é que o remédio paraguaio pode causar problemas ainda maiores que o original.

"Elas mesmas tomam o medicamento. Na própria rua", diz Vera. A naturalização é tamanha que as meninas chegam a comentar durante os atendimentos no Creas que "derrubaram". "Elas falam pra gente: 'derrubei um'. É uma coisa normal", conta.

### Dor da fome

O cotidiano de violência não conseguiu amargar Vera

Lúcia. Sensível e com olhar crítico, ela não vê as causas dos problemas nas adolescentes e nos seus familiares. A coordenadora afirma que os agenciamentos para a prostituição acontecem, muitas vezes, na própria casa. Mas salienta que não nascem nesse espaço.

"Por causa da dor da fome, do desemprego, muitos pais acabam optando por uma dor que consideram ser menor: ver a filha na exploração sexual", afirma a coordenadora. Ela não aceita a prática, mas compreende que é fruto da desigualdade social e econômica e da naturalização da exploração sexual.

A coordenadora exemplificou essa naturalização com o caso de duas irmãs paraguaias atendidas pelo Creas. O pai das meninas sempre as busca no Brasil depois que realizam os programas sexuais como forma de protegê-las dos perigos da madrugada. "Ele falou assim pra mim: 'Não tem perigo, não. Eu sempre busco elas. E as pessoas aqui no Brasil respeitam elas'".

### Mãos atadas

A liberdade das ruas que avançam para o Brasil e para o Paraguai se opõe às mãos atadas dos promotores de direitos das crianças e dos adolescentes. As parcerias são raras e circunstanciais.

Vera cita uma parceira paraguaia que foi vencida pela rede do crime do tráfico de drogas e da exploração sexual. "Quando ela sofreu o atentado, disse pra mim no hospital: 'O que você tá fazendo ainda aqui? Pelo amor de Deus, vai em-



**Vera Lúcia tem uma lista** de histórias de crianças e adolescentes com direitos violados nas ruas de Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero

bora!", recorda, entristecida.

A coordenadora admite que já não acredita na responsabilização dos autores. A descrença se deve às denúncias engavetadas. Segundo ela, a denúncia acaba piorando a situação: os autores não são punidos e as vítimas sofrem repre-

salias da rede criminosa.

A reclamação também atravessa a fronteira. A conselheira tutelar Iraci Garcia da Silva se queixa de que, do lado paraguaio, não teria respaldo. "Uma vez quase fomos presos no Paraguai quando fomos atrás de uns adolescentes", conta.

Apesar das reclamações da colaboração do Paraguai, a reportagem verificou que, nas cidades fronteiriças brasileiras, as ações de responsabilização são muito tímidas. Muitas vezes, a polícia e a Justiça sequer tomam conhecimento dos casos de exploração sexual.

## Sexo com brasileiras é combinado no Paraguai

GERSON OLIVEIRA

Fileiras de barracas, com artigos diversos, dividem o Brasil do Paraguai, nos limites de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Durante o dia, quem atravessa a fronteira escuta, em "sotaque brasiguau", ofertas de meias, pen-drives, de cartelas com o suposto medicamento Viagra, entre outros produtos. De noite, a oferta é outra: de adolescentes para a realização de programas sexuais.

As ruas são mais desertas à noite: o aglomerado de consumidores e comerciantes de roupas e eletrônicos dá lugar a alguns casais de namorados, usuários de drogas e profissionais do sexo, que ficam entre as barracas, oferecendo seus serviços. Alguns também agenciam.

Uma situação de agenciamento pôde ser observada numa noite na entrada de Pedro Juan. Após se apresentar, uma trabalhadora sexual brasileira revelou disposição em agenciar adolescentes. Ela estava acompanhada de dois meninos,

que teriam entre 13 e 15 anos. Eles permaneceram a meia distância.

À pergunta sobre a presença de "meninas novas" no local, a profissional respondeu que está mais difícil encontrá-las na região, mas é possível contatá-las. "Eu mesmo busco elas de moto. Cobro 20 reais por viagem", detalhou.

Ao ser questionada sobre as idades das meninas, a profissional respondeu que conseguiria de qualquer idade. No momento da abordagem, ela contou que poderia buscar duas meninas, de 13 e de 14 anos. "A de 14 é minha sobrinha", disse.

Além dos 20 reais do transporte, também seriam cobrados 100 reais por cada adolescente. "E o programa pode ser feito num local aqui perto. Eles cobram 20 reais pelo quarto. Lá, eles nem perguntam nada quando a pessoa chega com menor", afirmou, como se tentasse fechar um negócio. O hotel mencionado se chama Guavirá e fica a duas



Divisa se transforma, durante a noite, em lugar de aliciamentos

quadras da linha que divide os dois países.

A profissional do sexo fez questão de advertir que os programas deveriam ser feitos no Paraguai. "No Brasil, tá mais difícil agora", avisou.

A equipe de reportagem deixou a profissional e se-

guiu até o hotel mencionado. O estabelecimento tem uma pequena entrada, apresentando indício de ser um local simplório.

Os jornalistas iniciaram a conversa, evitando se apresentar como imprensa, mas também não se passaram por clientes. (OJ)

## Fluxo da exploração sexual atravessa a fronteira

A rede de exploração sexual de crianças e adolescentes, que se movimenta na fronteira sul do Estado, deixa rastros que permitem conhecer parte de seus fluxos. Um dos caminhos comuns corta a fronteira por Ponta Porã e chega às cidades de Maracaju e Rio Brillante. O Creas (Centro de Referência Especializado da Assistência Social) de Ponta Porã tem notado essa rota através das experiências dos atendimentos.

"Muitas das nossas meninas ligam pra gente e falam 'tia, tô em Maracaju'. Outras vezes dizem 'tô em Rio Brillante'. Muitas vezes, são as mesmas meninas. Eu acredito que existe uma rede agindo nessas cidades, levando adolescentes de Ponta Porã para Maracaju e Rio Brillante", comenta Vera Lúcia.

A coordenadora explica que as adolescentes, atendidas pelo Creas, estabelecem vínculos de confiança com as pessoas do órgão. Em geral, são meninas em situação de rua. Acontece, por vezes, de deixarem de participar

dos atendimentos do Centro e irem – ou serem levadas – para outras cidades. Tempos depois, ligam para o Creas para terem notícias de familiares. "Em geral, elas perguntam: 'tia, você sabe da minha mãe?'", diz Vera Lúcia.

Segundo a coordenadora, as adolescentes informam apenas as cidades onde estão, mas evitam falar sobre o que estão realmente fazendo. "Elas dizem que estão trabalhando, que estão bem", conta Vera. As adolescentes dão respostas evasivas para não tratar do assunto da exploração sexual. Na semana da entrevista, a coordenadora havia recebido duas ligações de duas meninas que estavam em Maracaju buscando notícias da mãe.

A coordenadora acredita que esse fluxo tenha ligação com o grande movimento de homens que trabalham em usinas de cana-de-açúcar. Rio Brillante e Maracaju são municípios com concentração do setor sucroalcooleiro – há cinco usinas nas duas cidades. (OJ)